

## **ARTIGO DE OPINIÃO**

### **A ESCRITA ALFABÉTICA E A DATILOLOGIA EM LIBRAS**

**Por Lidiane Assante<sup>1</sup>**

Em algum momento da história, houve a necessidade das pessoas registrarem o que comunicavam para haver respaldo, usando símbolos e sinais de uma forma que pudessem ser noticiadas. Com isso, as civilizações criaram um sistema de escrita, em diferentes lugares, permitindo-nos saber o que foi pensado e dito.

A palavra é algo que se perde no tempo, só falar e não registrar impede se rediscutir o que foi pensado. A escrita torna a linguagem visível por meio de formas diferentes, ou seja, torna visível um objeto, uma palavra, uma sílaba, um som ou “uma coisa da linguagem até então apenas audível e pronunciável” segundo Herrenschmidt (1995,p.101).

Diante dos sistemas inventados e suas evoluções, a escrita alfabética permitiu ao homem fixar as formas orais no tempo e no espaço. Os gregos adaptaram o alfabético semítico, utilizado anteriormente pelos fenícios. Muitos dos sinais silábicos do alfabeto semítico se ajustaram à língua dos gregos e passaram, a ser usados diretamente, surgindo as consoantes. Mais tarde usaram caracteres semíticos para representar sons vocálicos, desmembrados em consoantes e vogais, o que originou o ALFABETO.

O alfabeto tem um enorme poder de representar a língua em diferentes idiomas, independente da complexidade de suas estruturas fonológicas, mas no que se refere à aprendizagem da escrita e da leitura alfabéticas, exige uma capacidade de análise da língua em fonemas e de síntese dos fonemas, desnecessária para aprender a ler e escrever em outros sistemas.

Já a escrita da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, requer um trabalho diferenciado. Para as pessoas começarem a aprender a língua de sinais, o primeiro aprendizado é conhecer o Alfabeto Manual ou Datilologia em LIBRAS. Ele é produzido por diferentes formatos das mãos que representam as

<sup>1</sup>Professora de Ensino Superior pela UNINORTE/AM, formada em letras língua portuguesa, especialista em gestão supervisão e orientação educacional e mestranda em engenharia da produção e MBA em gestão de operações e serviços pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Tel: 92 88219602/8152-2038; E-mail para contato: [lidianeassante@gmail.com](mailto:lidianeassante@gmail.com).

letras do alfabeto escrito e é utilizado para “escrever” no ar, ou melhor, soletrar no espaço neutro, o nome de pessoas, lugares e outras palavras que ainda não possuem sinal. Vejamos:



Quando diz “escrita de sinais”, muitas pessoas pensam que essa escrita são aqueles formatos das mãos do alfabeto escrito e sinais desenhados no papel. Muito pelo contrário, a datilologia traduzida para *SignWriting*, o sistema de escrita de sinais é da seguinte forma:



Mas o uso da imagem, do desenho é só para aprender LIBRAS? Claro que não, toda criança seja ela dita “normal” ou não, independentemente de como irá desenvolver o conhecimento da língua, sempre o primeiro contato será mediante ao desenho, a figura para fazer a correlação entre o objeto e a palavra escrita.

Saussure e sua teoria sobre os signos linguísticos informou que signo é a junção entre o conceito de uma palavra e sua imagem acústica, ou seja, a união do sentido da palavra com a impressão psíquica do som. O que passou a chamar o CONCEITO de significado e a IMAGEM/DESENHO de significante. Portanto, a união destes elementos em nossa mente é o chamado signo linguístico.

E quando o autor Stumpf (2011,p.37) argumenta que “As produções das crianças permitiram observar que elas já diferenciavam o que é desenho, e o que é escrever a história. Mostraram que compreendiam também, a possibilidade de uma representação escrita dos sinais diferentes da escrita da língua oral.”

Acredita-se que o início da organização da escrita na vida de uma criança precede as práticas escolares. Pode-se registrar tentativas claras de escrever, diferenciadas das tentativas de desenhar, desde a época das

<sup>1</sup>Professora de Ensino Superior pela UNINORTE/AM, formada em letras língua portuguesa, especialista em gestão supervisão e orientação educacional e mestranda em engenharia da produção e MBA em gestão de operações e serviços pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Tel: 92 88219602/8152-2038; E-mail para contato: [lidianeassante@gmail.com](mailto:lidianeassante@gmail.com).

primeiras garatujas, aos 2 anos e meio ou 3 anos. A escrita existe inserida nos objetos físicos do ambiente e no âmbito relacional, e, desse modo, à sua maneira, a criança tenta compreender essas marcas gráficas e os atos daqueles que as utilizam.

Os processos e a formas pelas quais a criança aprende a ler e escrever, em outras palavras, o caminho que ela percorre para compreender o valor e a função da escrita desde que esta se constitui no objeto de sua atenção.

A criança busca ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, formula hipóteses, busca as regularidades, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática. Ela reconstrói por si mesma a linguagem, utilizando de forma seletiva as informações que o meio lhe oferece, em busca de uma regularidade e de uma coerência lógica, que fariam dela um sistema mais lógico do que na realidade é. Ou seja, para aprender a ler e escrever é necessário que a criança se aproprie desse conhecimento através da reconstrução do modo como ele é produzido. É preciso reinventar a escrita. Um exemplo disso é o “suposto erro” sistemático das crianças em “regularizar os verbos irregulares”. O que, na verdade, revela o alto grau de conhecimento da criança em relação ao seu idioma, uma vez que para regularizar os verbos irregulares, ela precisa ter distinguido entre radical e desinência, e ter descoberto o paradigma regular da conjugação dos verbos.

Assim ocorre um processo de aprendizagem que não passa pela aquisição de elementos isolados que se somam progressivamente, mas pela constituição de sistemas em que o valor das partes vai sendo redefinido em função das mudanças no sistema total.

A criança finalmente já percebe a estrutura e o funcionamento do sistema de escrita porque se apropriou desse conhecimento através de sua reconstrução.

### **Obras Consultadas:**

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre. Artes Médicas, 1988.

HERRENSCHMIDT, C. O todo, o enigma e a ilusão. In: BOTTÉRO, J.; MORRISON, K. Cultura, pensamento e escrita. São Paulo: Ática, 1995.

<sup>1</sup>Professora de Ensino Superior pela UNINORTE/AM, formada em letras língua portuguesa, especialista em gestão supervisão e orientação educacional e mestranda em engenharia da produção e MBA em gestão de operações e serviços pela Universidade Federal do Amazonas-UFAM. Tel: 92 88219602/8152-2038; E-mail para contato: [lidianeassante@gmail.com](mailto:lidianeassante@gmail.com).

SAUSSURE, Ferdinand de, Curso de Linguística Geral, 27ª ed., São Paulo, Editora Cultrix, 2006

WEISZ, Telma. Como se Aprende a Ler e a Escrever ou Prontidão : um problema mal colocado. Texto organizado e elaborado a partir da obra de Emília Ferreiro.